**TEXTO 2**

**Centro Cultural Português de Ijuí-RS/Brasil**

**Grupo Artístico-Cultural Rancho Folclórico e Etnográfico Alma Lusa**

O Rancho Folclórico e Etnográfico Alma Lusa foi fundado em 7 de outubro de 1993 pela famílias integrantes do Centro Cultural Português de Ijuí como forma de manutenção da identidade cultural dos luso descendentes através do folclore. Na nomenclatura do grupo, usou-se o termo “rancho”, que no linguajar popular português mais antigo significa grupo, conjunto, coletivo.

Este grupo tem como objetivos a pesquisa, salvaguarda e divulgação de tudo quanto são tradições portuguesas tais como o toque dos instrumentos musicais, danças tradicionais, cantares, trajes, antigos utensílios de trabalho e de uso pessoal, crenças e festejos religiosos, linguajar popular, artesanato e demais itens do patrimônio cultural material e imaterial português. Neste âmbito, intitula-se “museu em movimento”, levando ao conhecimento do público os usos e costumes do povo português de antanho, especificamente do período de 1890 a 1920. O grupo representa o folclore da região da Beira Litoral Vouga, no litoral-centro de Portugal, e especificamente apresenta repertório dos municípios de Aveiro e Águeda. No ano de 2016, tendo sido notado como referência no cuidado com os pormenores do folclore, o grupo foi convidado pela Federação do Folclore Português a fazer parte desta renomada instituição sediada em Vila Nova de Gaia, Portugal.

As coreografias das danças, melodias e letras das músicas não são criadas, são originais, resultado de recolhas etnográficas. Todo o trajar utilizado pelo grupo também não é criado, são réplicas de trajes utilizados há mais de 100 anos. Os trajes não são uniformizados, cada membro do grupo usa um traje diferente, mostrando a maior variedade possível de maneiras antigas de vestir e demonstrando diferentes profissões, condições sociais e faixas etárias. A fonte de pesquisas atualmente são os demais grupos folclóricos de Portugal, também membros da Federação do Folclore Português que fizeram, há algumas décadas, registros de depoimentos de pessoas idosas sobre as vivências de antigamente. Os dois grupos folclóricos em Portugal que mais servem de referência tem sido o Grupo Folclórico da Casa do Povo de Cacia, em Aveiro e o Grupo Típico “Cancioneiro de Águeda”, sediado na cidade de mesmo nome.

Para garantir a representação fidedigna do trajar tradicional, uma grande parte dos trajes são trazidos de Portugal. Algumas peças que se consegue fazer no Brasil são feitas então, nos tecidos em que eram feitos antigamente: brocado, fazenda de lã, veludo, linho, algodão puro, flanela xadrez, etc. Os acessórios sim, estes vem absolutamente todos de Portugal, a exemplo dos chapéus, lenços de cabeça, calçados, faixas, algibeiras, meias, réplicas de jóias antigas e outros. Atualmente, o Rancho Folclórico e Etnográfico Alma Lusa tem reconstituídos os trajes de tricana, marnoto, ver-a-Deus, barqueiro do rio Vouga, pescador, varina, tremoceira, pescador do berbigão, serrana em dia de festa, romeira, homem serrano, lavradores ricos, pastor com croça de junco, traje de festa, ceifeira e trajes de criança.

O grupo possui uma tocata completa, composta pelos instrumentos musicais que originalmente se usavam na Beira Litoral Vouga. São as concertinas, violino, violão, cavaquinhos portugueses, bombo, reco-reco, ferrinhos (triângulo) e a viola toeira, um importante instrumento representativo desta região.

Apesar do grupo representar oficialmente a região da Beira Litoral Vouga, possui um importante e vasto acervo de instrumentos musicais originais trazidos de várias regiões de Portugal. São exemplos: as violas da terra dos Açores, o “brinquinho” da Madeira, a gaita-de-foles de Trás-os-Montes, a guitarra de Lisboa, as castanholas, bombos e cavaquinhos do Minho, o adufe da Beira Baixa, a cana estalada da Estremadura, entre outros.

O grupo vale-se do velho ditado que diz “só se ama aquilo que se conhece”. A partir disso, a direção do grupo já participou em várias iniciativas de formação em Portugal e no Brasil, nomeadamente ligadas ao folclore. Foram 8 integrantes do grupo que participaram, em anos diferentes de cursos de formação em folclore promovidos pela Direção Regional das Comunidades Açorianas, do Governo Regional dos Açores, Portugal. Após estas participações, o grupo promove seminários culturais onde se transmitem a todos os membros aprendizados e os resultados das pesquisas. Isso é feito anualmente, como fora de manter bem informados os integrantes, levando em conta que cada ano podem haver membros novos. Para além disso, o grupo também vem participando com frequência das formações em modo online, oferecidas pela Federação do Folclore Português.

Vários foram os intercâmbios feitos pelo grupo desde a sua formação. Os intercâmbios sob a forma de permuta são uma constante. Em Ijuí, o grupo já recebeu grupos folclóricos portugueses vindos da Argentina, Uruguai, de outros estados do Brasil (Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Pernambuco) e também dois grupos de Portugal.

As saídas do grupo para outros estados são uma atividade constante, sempre apresentando-se principalmente em festivais de folclore, eventos da comunidade portuguesa, festas particulares e programas de televisão e rádio. Anualmente, integrando a delegação do Centro Cultural Português de Ijuí, o grupo participa do Encontro das Comunidades Portuguesas e Luso Descendentes do Cone Sul. Este evento congrega associações portuguesas do Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina juntamente com autoridades vindas de Portugal, nomeadamente da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. Em 2014 o encontro foi realizado com grande êxito em Ijuí pelo Centro Cultural Português, contando com a presença da dra Adriana Melo Ribeiro vice-cônsul de Portugal em Porto Alegre, dr Flávio Martins presidente do Conselho Mundial das Comunidades Portuguesas, José de Almeida Cesário secretário de estado das Comunidades Portuguesas e um dos ministros da Assembleia da República Portuguesa Carlos Páscoa.

Em 2017 o grupo realizou com 39 membros sua primeira turnê de apresentações em Portugal, onde participou de vários festivais de folclore, iniciativas de cunho cultural e visitas a locais de interesse histórico com a orientação tutela da Federação de Folclore Português. Foram 10 dias de muitas atividades percorrendo os municípios de Lisboa, Moita, Fátima, Leiria, Cantanhede, Coimbra, Porto, Soure, São Mamede de Infesta e Peniche.

Um dos projetos que estão na intenção do grupo é, estruturar na sede do Centro Cultural Português de Ijuí o Museu da Cultura Popular Portuguesa, onde constará grande parte do espólio do grupo: instrumentos musicais, material bibliográfico e áudio-visual, alfaias agrícolas, trajes tradicionais e objetos de referência etnográfica.

A continuidade e a garantia do futuro do Rancho Folclórico e Etnográfico Alma Lusa são vincados no amor ao folclore português e no apego às tradições, que neste grupo, são passadas de pais para filhos.

**Contribuições dos Imigrantes Portugueses**

No estado do Rio Grande do Sul, as contribuições dos portugueses foram significativas, vincando no povo gaúcho uma série de costumes presentes até hoje. O imigrante português, especialmente o de origem açoriana, é um dos pilares principais da formação da identidade do gaúcho. São fatores de raiz indiscutivelmente portuguesa as festas do Divino Espírito Santo, algumas peças da indumentária gaúcha, a cantoria do Terno de Reis, o Pão-por-Deus, muitos itens do artesanato, os provérbios populares, o cantar em trova ao desafio e as danças tradicionais como o Pézinho, a Chamarrita (ou Chimarrita), a Tirana, o Pau-de-Fita, entre outras.

A presença portuguesa em massa no território rio-grandense, completa 270 anos, pois começou em 1752, com a vinda de inúmeras famílias do arquipélagos dos Açores, através de uma estratégia da coroa portuguesa para concretizar o povoamento do estado. Inicialmente estes portugueses dos Açores fixaram-se ao largo do litoral, fundando as primeiras freguesias e cidades como Porto Alegre, Viamão, Rio Grande, Taquari, Triunfo, Mostardas, Santo Antônio da Patrulha, Pelotas, Gravataí, Rio Pardo, etc. Outras famílias também açorianas, mas vindas da Colônia de Sacramento desbravaram o pampa gaúcho, povoando as regiões de Alegrete, Santana do Livramento, Jaguarão, Bagé e outras. Mais tarde, com o passar de gerações, os luso brasileiros descendentes destes pioneiros dispersaram-se por todas as regiões do estado, formando o maior grupo de descendentes estrangeiros do Rio Grande do Sul.

A Colônia de Ijuhy, na qual faz parte atualmente o município de Ijuí, foi fundada oficialmente em 19 de outubro de 1890, com a chegada de 22 emigrantes teuto-russos, a uma clareira, aberta na mata virgem para recebê-los.

Precedendo à fundação da nova colônia, já havia a presença do elemento luso-brasileiro nesta região, a partir da abertura da Picada Conceição, empreendimento contratado por José Gabriel da Silva Lima e executado sob seu comando, provavelmente a partir de 1848. José Gabriel com seu filho Horácio, ajudou o fundador da nova colônia, José Manoel da Siqueira Couto, na medição e divisão das terras.

Após os primórdios da colonização de Ijuí, torna-se muito notória e extremamente importante a participação e contribuição de luso-brasileiros para o desenvolvimento da nova colônia, principalmente em três setores da sociedade: acolhimento dos imigrantes europeus, administração pública e implantação de uma estrutura comercial e de serviços básicos.

Aos imigrantes, colocados em lotes de 25 hectares, em média, cabia a pesada tarefa do desmatamento e da implantação de primitivas lavouras e criação de animais, bem como a transformação dessa produção em alimentos de sobrevivência. Na execução dessas tarefas e na aprendizagem da língua portuguesa, os imigrantes foram ajudados pelos luso-brasileiros existentes.

Ao elemento luso-brasileiro foi reservada a missão muito importante de administrar a colônia exercendo o papel de manutenção da ordem pública e de planejamento e execução das bases sobre as quais começa a se alicerçar o futuro município, bem como na implantação de uma estrutura comercial e de serviços essenciais, voltados a suprir as necessidades da população em geral.

Na administração pública destacaram-se as figuras de:

* O engenheiro Augusto Pestana, cuja atuação muito profícua no comando da administração da colônia se estendeu de 1º de janeiro de 1899 a 31 de janeiro de 1912, data de elevação de Ijuí a município autônomo;
* Antonio Soares de Barros, o Coronel Dico, administrador austero e correto, que por 19 anos exerceu inegável liderança na comunidade ijuiense, como intendente e prefeito municipal e como comerciante;
* Martin Leonardo, que desempenhou as funções de comandante da polícia de Ijuí por 26 anos, de 1904 a 1930;
* Antonio Setembrino Lopes, um influente líder comunitário e político, com atuação marcante em Ijuí desde a década de 1920 até os anos 1940.

No setor econômico do comércio e serviços se destacaram:

* Antônio Soares de Barros e seu irmão Salatiel Soares de Barros, que já em 1890 abriram uma pequena loja comercial na sede da colônia, que evoluiu para Casa Dico S.A;
* Alvaro de Carvalho Nicofé que exerceu múltiplas atividades no comunidade ijuiense como comerciário (1903) juiz distrital (1917), gerente da sucursal do Banco do Comércio, fundador do Clube Ijuí, Presidente do Tiro de Guerra (1940), oficial do Cartório de Registro de Imóveis, Prefeito de Ijuí (1944).

Outras personalidades luso-brasileiras com atuação destacada em Ijuí:

* Davi José Martins – Bancário, trabalhou pela instalação da escola do Prof. Guilherme Clemente Koehler e criação do Hospital de Caridade de Ijuí;
* Dr. Osório Campos Trindade, médico;
* Solon Gonçalves da Silva, médico com atuação política, Prefeito de Ijuí (1967 a 1969);
* Orlando Dias Athayde, médico com atuação em Ijuí e fundador do Hospital São Francisco em Augusto Pestana.

Ijuí, 03/06/2022

Ivan Vieira Paim

Diretor Cultural do Centro Cultural Português de Ijuí